

20-3-66

(4)

Luanda, 26, 3, 66

UNIVERSIDADE DE EVORA	
Arquivo	FS 01.131.02

Caríssimo.

Recebi a sua carta ontem, ou ante-ontem, e verifiquei satisfeito que não desistiu de voltar a Angola.

Em primeiro lugar devo-lhe dizer que as notícias a esse respeito são muito mais animadoras do que seria de esperar; mas para uma completa compreensão do que seguidamente lhe vou expor, terei primeiramente de preambular sobre acontecimentos surgidos ultimamente nesta cidade.

Como decerto é do seu conhecimento, eu estou a trabalhar no Notícia, há já mais de um ano, e, portanto numa posição mais ou menos boa para saber do vai acontecendo nesta terra.

Também é do seu conhecimento certamente, que o Charulla comprou o dito jornal e toda a restante organização. Ou seja o Notícia, Neográfica, Miau e Listas Telefónicas de Angola. Em suma um negóciozito na ordem dos 25.0000 contos.....

Ora o Charulla, pessoa que você conhece de sobejo, embora não também como poderá supor, é, curiosamente um tipo das Astúrias, um macaco com imensa graça, um sujeito curiosamente cheio de ideias e um entusiasta de Angola, e de gente com talento e sobretudo de gente com ideias, capital único, que segundo as suas próprias palavras, tem real valor comercial e outro no mercado mundial.

Pois eu que a ideia de o trazer de volta a esta terra, não me tem abandonado, lem brei-me duma curiosa conversa tida com o Charulla há já uns meses, e que na altura teve o condão de me inquietar. Falava-se na altura das variadíssimas hipóteses e projectos do Charulla e do que a compra do jornal podia acarretar e oferecer-nos.

Entre outras aliciantes coisas de o Charulla falou, foi da possibilidade de que ele tinha de fazer, (ideia essa do Vinhas e entregue ao Charulla para procidimento) o museu de Arte Moderna....

Claro que ouvi atentamente a então lamentação do Charulla de não ter nem tempo nem ninguém que fosse capaz de pegar nisso e começar a trabalhar.

Registei a história e aguardei o desenrolar dos acontecimentos. Nessa altura andava tudo, e principalmente o Charulla, muito nervoso com a compra ou não do jornal. Pois tudo, ou quase tudo estava dependente dessa aquisição. Inclusive as nossas posições de empregados. SE a compra se realizasse, teríamos a larga alegria de iniciarmos uma nova vida, brilhantemente animada de ideias e realizações e compensadoramente pagas com um substancial aumento de ordenado como tal se veio a realizar. Caso contrário muitos de nós estariam na desagradável posição de nos encontrarmos no olho da rua.

Ora o tempo passou, a compra do jornal tornou-se um facto e com elas muitas outras coisas tal como o Charulla prometera. Mais, algumas foram largamente ultrapassadas e surgiram novas.

E aqui acabo, fecho o preambulo anunciado atrás.

De posse de informações suas de que facto a SAUDADE o não largava tal como eu previra, apressei-me a urdir a minha teia de intrigas puxando pela testa, da forma como poderia cá trazer e que isso representasse mais do que um simples regresso a nós...

Cuidadosamente muni-me das informações necessárias destilei o veneno próprio, tramei a minha teia e apresentei-me ao Charulla de sorriso nos lábios. RESULTADOS: (dessa conversa):

1º—O Charulla aprecia-o muitíssimo, e também quer o seu regresso. (!)

2º—O Museu entusiasma-o. Mas.....

...Tem de ser algo em muito grande, em muito bom, em muito louco. Única escala que lhe interessa e que pode interessar a Angola. Para já fora de Luanda. Possivelmente em Nova Lisboa.

3º— Terá de ser feito SÓ por malta de cá, com materiais de cá. O dinheiro não é problema, assim como assim ainda há muito dinheiro em Angola. Teríamos uma campanha no Noticia e em todos os jornais de Angola, para esse fim. As madeiras de CABINDA PARA O MUSEU DE ANGOLA: OS MÁRMORES DE MOÇAMEDES PARA O MUSEU DE ARTE MODERNA DE ANGOLA, etc, etc, etc. A GULBENKIAN; O GOVERNO, O VINHAS, A DIAMANG, O caminho de Ferro de Benguela, etc, etc.

4º— Não está interessado em fazer algo de morto como o Museu de Luanda, mas algo vivo, mexido, algo que seja mais que uma mostra mais ou menos vasta, mais ou menos boa da pintura nacional e estrangeira. Algo que estimule, que crie, que forme. Fala em Arte Indígena, em Pintura, em Escultura, em exposições variadas (lembra-se daquela do M. de A. M. de S. Paulo, sobre a evolução das Formas...), em Auditorium, etc. Acha que é possível, necessário e que tem de se começar a

a fazer JÁ!

(3)

Não sabe como, nem por onde, mas
para isso está na disposição de gastar
tempo e energias a fim alguém capaz
disso a TRATAR DISSO.

E agora pergunta-lhe: (ELE)

1º — Você sente-se capaz disso?

2º — Você quer primeiro ir tirar
o tal curso de museologia?

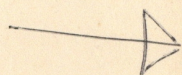
3º — Quanto tempo e massa necessita
fazer tal?

4º — Quer vir já?

5º — De que necessita?

Ele oferece-lhe já, passagem e ordena-
do entre os 8 e 9 contos. Mas, natural-
mente, quer saber o que você tem a ofer-
tar além do entusiasmo e conhecimento.

Quer saber se você está disposto a fazer
nada de coisa destas e que se funciona fazer
(ou seja o que achar de necessário), primeira-
mente. — Você tem de pensar em tudo,
de encontrar as pessoas necessárias e fi-
los a fazer coisas. — Ele não sabe como
isso (de museus) se faz, mas desde que você
acerte, quer começar JÁ!



01.13 02 ④

Naturalmente é um plano ~~que~~ para o qual o tempo não conta. Não se pode pensar em 2 ou 3 anos, mas em 10. Não quer coisas pequenas, mas algo ao tamanho da terra e das suas possibilidades.

Agora o que eu penso:

Que você pense nisto tudo.
(Note que eu acho-o a única pessoa de Angola capaz de o realizar).

Que talvez não fosse disparate você falar com o Vinhas e explicar o que a qui lhe digo.

Que você escreva ao Charulla e lhe exponha o que lhe sugere o assunto, as suas condições, as necessidades.

Segundo: Evite ser pequeno, a política, o Charulla só o é até onde os compromissos o exigem (e não imagina como exigem), você não terá que aí se meter, isso compete ao jornal. Pense apenas que é oportunidade única, o sonho que nem você conseguiria realizar em condições diversas.

Que Angola o esforce de si.

Que se não for você, outro o fará
sem a sua capacidade nem com-
preensão.

01.131.02 (5)

Será difícil, trabalhoso, extenuan-
te. Tudo o que o encanta.

Isto é terríssimo e só lamenta-
to não sabê-lo explicar devidamente.

Agora outras coisas!

③ Betos foi assim. Depois
pessoalmente lhe explicarei.

④ meu amigo João está cá
como sabe, e é Chefe de Redação do
NOTICIA. — Você vai gostar dele.

Espero os requerimentos.

Ficava de frente.

PENSE BEM.

Diga se gosta das Capangas que
fiz para a Ullisseia.
Não vi a Cidade Queimada. Nem
nada. — Que FOME!!!

Abraga-o o amigo

Carlos Fernandes 66

P.S. — Mantenha sigilo do que acima lhe digi.....